A ressignificação do uniforme escolar na contemporaneidade: identidade e representação

Claudia Schemes^I
Cristina Ennes da Silva^{II}
Denise Castilhos de Araujo^{III}

Este artigo procura analisar as representações que são elaboradas através da ressignificação do uniforme escolar e como essas representações constituem identidades. Para isso, faremos um breve histórico do uniforme escolar no Brasil e, através de uma pesquisa de campo qualitativa e da análise semiótica de fotografias, identificaremos nos uniformes escolares de alunos de ensino médio de uma escola da rede privada os elementos que nos permitem essa análise.

Palavras-chave: Uniforme escolar, identidade, representação

The meanings of the school uniforms in the contemporary world: identity and representation

This article aims to analyze the representations that are elaborated through the meanings of school uniforms and how these representations form identities. To do this study, we briefly analysed the history of the school uniform in Brazil and, by doing a qualitative research and analyzing the semiotics of photographs, we identified in school uniforms of secondary education pupils of a private school the elements that allow this analysis.

Keywords: School uniform, identity, representation.

Considerações iniciais

A partir da compreensão de que o uniforme escolar, ao ser ressignificado por seus usuários, permite a construção de uma identidade de grupo, interessou-nos analisar como se constituem suas representações.

Os estudos de Furio Lonza^{IV} apresentam uma pesquisa realizada em 1997 por uma empresa paulista com mais de 900 alunos, de 10 a 17 anos de escolas públicas e particulares de nove capitais brasileiras, para investigar o que os alunos pensavam a respeito do uniforme escolar.

Essa pesquisa mostrou resultados surpreendentes, pois a maioria dos estudantes consultados afirma aprovar a exigência do uso do uniforme. Em Porto Alegre, por exemplo, a pesquisa mostrou que 62% dos alunos não precisavam usar uniforme, mas 57% deles eram favoráveis ao seu uso obrigatório, sendo que a maior aprovação se deu por parte das meninas (74% contra 64% dos meninos).

Esta indicação instigou-nos à realização da presente pesquisa, pois, empiricamente, acreditávamos que o uso obrigatório de um uniforme feria a necessidade de individualidade inerente ao adolescente. Buscamos, então, na questão relacionada à construção da identidade, as variáveis que permitissem a explicação do fenômeno em questão.

As investigações que focalizam a temática sobre a identidade têm ocupado espaço privilegiado entre estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, que apresentam em seus estudos aspectos controvertidos, além de outros que se tornaram senso comum através das diversas discussões da temática. Assim, este conceito traz em si inúmeras possibilidades de compreensão, não havendo uma definição única e absoluta acerca do mesmo.

Para Renato Ortiz^V, o conceito de identidade enfatiza a busca do ser individual destacado do conjunto, uma vez que essa busca pressupõe a comparação com o outro. A definição da identidade, nessa concepção, prioriza a diferença, pois a sua construção se dá a partir de uma definição da relação de algo exterior ao sujeito. Ela busca o contrapor-se ao outro, de forma a definir o que realmente é. Segundo o autor, não basta ao sujeito dizer-se diferente, é necessário destacar os elementos que revelam como a identificação se faz. Desta maneira, não há a possibilidade de dúvidas, pois este enfoque pressupõe a existência de múltiplas possibilidades de identificações e, portanto, diferentes construções de identidade. Assim, abre-se a possibilidade de “[...] uma pluralidade de identidades construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos.”^{VI}

Neste contexto, as transformações da realidade social adquirem contornos coletivos, pois o indivíduo passa a ser percebido inserido em estruturas sociais mais amplas, sendo membro de um sistema ampliado, ou seja, de um grupo.

Entretanto, uma realidade social nunca é apreendida de forma pura, sempre é apropriada e simbolizada, consciente ou inconscientemente, pelos grupos que dela se aproximam. E é nesta atribuição de sentido que percebemos que as representações não são ingênuas. Apesar de se proporem a uma aproximação com a realidade, sempre são influenciadas pelos interesses do grupo que a produz.^{VII}

As representações que constituem o imaginário social se baseiam em elementos da realidade concreta, dando, a estes, um significado a partir dos desejos e necessidades conscientes e inconscientes dos grupos envolvidos. Nesse sentido, Backzo^{VIII} afirma que “os sistemas simbólicos em que assenta e através do qual opera o imaginário social são construídos a partir da experiência dos agentes sociais, mas também a partir dos seus desejos, aspirações e motivações”.

É através desses pressupostos teóricos que procuramos analisar as representações e os (re) significados do uniforme escolar para os alunos.

A pesquisa de campo

Considerando as peculiaridades do objeto de pesquisa que nos propusemos a investigar, optamos, metodologicamente, pela realização de questionários que foram realizados com os diferentes agentes envolvidos no processo escolar: a equipe diretiva e pedagógica e o corpo discente da escola. Nossa aproximação do objeto de pesquisa selecionado através do estudo quantitativo e qualitativo deu-se na medida em que, assim como Martin Bauer e George Gaskell, interessa-nos, em um meio social específico, “[...] explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o estudo em questão”^{IX} e não, simplesmente, contar opiniões ou pessoas. Assim, a seleção dos indivíduos a serem entrevistados obedeceu a critérios de segmentação natural, ou seja, onde o grupo apresenta uma série de elementos agregadores que podem ser aspectos como: o fato de estarem reunidos em um mesmo local, lerem os mesmos veículos, partilharem histórias passadas, terem um projeto de futuro, de tal modo que interajam conjuntamente formando um meio social.

No tocante ao questionário com os alunos, optamos por um instrumento de coleta de dados que nos permitisse indicar o perfil do estudante, sua relação com a moda, sua relação/interação com o uniforme, assim como as estratégias de reação à obrigatoriedade do uso. Além disso, interessava-nos observar a forma como os alunos apropriavam-se da sintaxe do uniforme proposta pela escola, e, para isso, imagens foram recolhidas a fim de que pudessemos observar os arranjos textuais realizados pelos alunos de maneira mais objetiva.

Foram doze alunos (seis do sexo feminino e seis do masculino) de 15 e 16 anos que participaram da pesquisa de campo respondendo as seis questões propostas.

Primeiramente foi questionado se o (a) aluno (a) achava importante a utilização do uniforme e por quais motivos. Todos foram unânimes em afirmar que a sua utilização é importante, e o principal motivo explicitado foi a segurança e a facilidade na identificação dos alunos. Outros responderam que o uso do uniforme: “acaba com o desfile de modas na escola”, “impede a discriminação social em função da roupa”, “poupa a roupa de sair”, “oferece um visual mais bonito na escola” e “é mais prático, pois não precisa escolher roupa de manhã cedo”. As observações realizadas pelos alunos no tocante a defesa do uso do uniforme remetem-nos ao aspecto mencionado anteriormente sobre o orgulho do vestir um uniforme que o vincule a um determinado grupo social, ou seja, a escola a que pertence. Esta valorização do vestuário uniformizante e identificatório permite imaginar que a escola, foco de estudo, é frequentada por alunos de um nível socioeconômico privilegiado.

A segunda pergunta questionava se os alunos sabiam quais eram os motivos que a escola tinha para exigir o uso do uniforme, sendo que a grande maioria (dez alunos) disse ser em função da segurança e identificação dos alunos. Outros ainda responderam que o seu uso possibilita uma padronização, organização e a propaganda da escola fora de seus muros. Novamente observamos a manutenção da percepção da função primeira do uniforme, pois estudos sobre a implantação do uniforme no Brasil, como dito anteriormente, indicam as funções identificação e segurança como elementos justificadores da uniformização dos alunos. O elemento que nos parece próprio do período contemporâneo é a menção da função de propaganda da instituição escolar.

Questionados sobre a relação entre uniforme e moda, todos os estudantes afirmaram que conseguem seguir a moda mesmo utilizando o uniforme, seja por meio de acessórios (colares, brincos, mantas, bonés no caso dos meninos), ou através de camisetas vestidas por baixo da blusa da escola, ou o uso de casacos que não fazem parte da vestimenta obrigatória da escola.

A maioria dos alunos (onze) disse que não costuma modificar nada em seu uniforme, apenas um aluno do sexo masculino disse que customiza algumas peças utilizando lantejoulas, pedras e recortes em camisetas. Uma aluna disse que já: “pensou em colar umas

pedrinhas que brilham” em seu uniforme. Esta questão reporta-nos à transformação da sociedade e, conseqüentemente, da escola que, num processo de adaptação aos tempos modernos, permitiu a transformação de alguns aspectos do uniforme, tais como, cor, tecido, acessórios, etc., como forma de aproximação do uniforme com a moda contemporânea. Ao flexibilizar alguns elementos do vestuário estudantil, a comunidade escolar, ou seja, pais, professores, dirigentes, garantiram a permanência do seu uso entre os alunos.

Outra pergunta questionava a respeito das características que poderia ter o uniforme escolar, sendo que para cinco alunos ele está bom (três meninos e duas meninas), não precisando ser modificado; os outros sete alunos apontaram que as mudanças poderiam ser: mais diversidade de cores e modelos, tecidos melhores, estampas mais modernas e que a calça jeans poderia ser incorporada à vestimenta oficial da escola.

A última questão pedia que os estudantes apontassem as vantagens e desvantagens que as escolas que não possuem uniformes podem ter em relação à deles. Dentre as vantagens foram apontadas: “os alunos podem usar o que quiserem”, “podem mostrar a sua personalidade através da roupa” e “dá mais ânimo em ir para a escola”. Entretanto, as desvantagens encontradas foram maiores, sendo que a falta de identificação foi a mais citada, seguida pela possível “desorganização” que o não uso do uniforme pode propiciar; além disso, os alunos mencionaram o preconceito gerado pela comparação das indumentárias dos alunos, a “falta de clima” de uma escola sem uniforme, a “perda de tempo em se arrumar” e a necessidade de ter “muita roupa”, se a escola não exige uma roupa própria. Esta questão enfatiza o caráter disciplinador do uniforme que, por um lado, é percebido como um obstáculo a liberdade, mas, por outro, é entendido como essencial para a manutenção das normas, regras e padrões éticos e morais que vão desde o não se reconhecer como pertencente a um espaço específico, até as questões que remetem ao preconceito e às superficialidades do mundo atual.

O instrumento de pesquisa direcionado aos dirigentes escolares (diretora, supervisora pedagógica e orientadora educacional) orientou-se em dois sentidos, primeiramente interessou-nos identificar como esse grupo entendia o uniforme em si, ou seja, para eles o uniforme refletia, de alguma forma, a filosofia e/ou a linha pedagógica adotada pela instituição? E, em outro sentido, que tipo de reclamações chegava até eles. Neste contexto, partimos da premissa de que a análise e a reflexão acerca da relação entre os dois eixos temáticos permitiriam avaliar se o significado do uniforme assumido pelos jovens era uma construção identitária gestada na faixa etária do público alvo, ou se representava a aceitação de padrões definidos pela escola e família.

Segundo a pesquisa, o uso do uniforme está adequado à filosofia e à linha pedagógica da escola, principalmente por questões de segurança e identificação. Para a diretora, “a filosofia e a linha pedagógica da escola estão permeadas pelos princípios de convivência, solidariedade e respeito ao outro, portanto, a identidade do uniforme reflete a identidade da escola, respeitando sua história e sua cultura. Cada grupo possui símbolos que os identificam, o uniforme, em nossa escola, é um deles.” Aqui podemos identificar a questão a qual se refere à contrapartida que a comunidade escolar espera dos alunos usuários de seus uniformes, assim como no século XX, a instituição educacional confia que os alunos, ao envergarem o símbolo que os identifica como sendo oriundos daquele espaço valorizem e honrem o vestuário, agindo idoneamente, ou seja, sendo exemplo dos princípios e da filosofia da escola.

Já a supervisora entende que “outra função do uniforme é a questão do pertencimento a um grupo. Os alunos se identificam através da vestimenta. Nossa filosofia fala da educação como construção coletiva permanente, baseada em princípios de convivência, solidariedade, justiça, respeito. Penso que o uso do uniforme faz parte, entre muitas outras ações, da construção desses princípios.”

Em relação às reclamações, as profissionais informaram que praticamente não existem, ou seja, os alunos não reclamam do uso do uniforme, e apenas em algumas ocasiões

os estudantes não o utilizam na íntegra. Neste caso, podemos inferir que o contrato entre instituição e alunos, no que se refere ao uniforme, possui a convivência dos envolvidos, não podendo ser entendido o seu uso como um instrumento de coerção. Contudo, isso não impede a observação de pequenos atos de resistência e afirmação por parte dos alunos, que buscam mecanismos para confrontar as normas, tais como a customização, o uso de acessórios ou mesmo o uso incompleto da vestimenta exigida.

Uniforme escolar e semiótica: identidade ou diferenciação

A escolha da abordagem para a análise das imagens se deu a partir da perspectiva da Semiótica, uma área do conhecimento que tem como objeto de estudo todas as linguagens produzidas pelo homem. O seu campo é bastante abrangente e ela é uma ciência relativamente nova. Para Lúcia Santaella “a Semiótica [...] tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”.^X

Essa ciência também é conhecida como a ciência dos signos, pois esses elementos constituem o seu objeto de estudo.

Neste trabalho será utilizada a linha de pensamento elaborada pelo autor norte-americano, Charles Sanders Peirce^{XI}, por quem a Semiótica foi definida como a doutrina formal dos signos.

O signo, a partir de uma definição mais genérica e pode ser conceituado como algo que está por outra coisa, o signo, então, é uma relação ou uma função. Para Peirce, ele foi concebido, assim como sua teoria do pensamento, dentro de uma lógica triádica.

Peirce classifica os signos como ícones, índices ou símbolos. Quando o signo aparece como simples qualidade, ele só pode ser um ícone na sua relação com o objeto. “[...] um signo pode ser um icônico, isto é, representar seu objeto principalmente através de sua similaridade, não importa qual seja seu modo de ser”.^{XII} O que o ícone pode produzir para o interpretante, é, também, uma possibilidade, uma conjectura ou hipótese.

O índice pode ser definido como um signo que indica outra coisa com a qual mantém certa relação, por exemplo, pegadas, rastros, resíduos, marcas.^{XIII}

O símbolo, para o autor, “é um representâmen cujo caráter representativo consiste exatamente em ser uma regra que determinará seu interpretante. Todas as palavras, frases, livros e outros signos convencionais são símbolos. Um símbolo é uma lei ou regularidade”.^{XIV}

Assim, considerando os conceitos acima detalhados, pretendemos esclarecer alguns dos sentidos revelados pela combinação dos elementos utilizados pelos alunos para comporem seus uniformes.

Ainda no tocante às imagens a serem analisadas, é importante destacar, seguindo os preceitos e cuidados metodológicos indicados por Peter Loizos^{XV}, que a produção das fotografias/imagens interpretadas foram produzidas através da interferência do fotógrafo, ou seja, as pessoas foram orientadas no sentido de colocarem-se numa pose previamente definidas, conforme aquilo que foi considerado apropriado pelo estudo, assim, não consideramos relevante na análise elementos com espontaneidade, posição, hierarquia de elementos, ausências, etc. No mesmo sentido, convém destacar que as imagens apresentam, em sua essência, similitude no que se refere a elementos como espaço, tempo, sujeitos, etc, que compõe o universo representado.^{XVI}

Para esta análise foram selecionadas imagens fotográficas de alunos do Ensino Médio, na faixa etária compreendida entre 14 e 16 anos, totalizando 21 textos icônicos.^{XVII}

O uniforme da instituição constitui-se por: calça azul marinho de *suplex* ou helanca; casaco de moletom na cor azul marinho, com o logotipo da escola no lado esquerdo; camiseta pólo ou com gola careca, nas cores azul marinho ou branca, com o logotipo da instituição no

lado esquerdo; blusão de moletom cinza ou azul marinho; bermuda de helanca ou calça estilo corsário. Observa-se que a escola oferece aos alunos certa variedade, tanto nos materiais (*suplex*, helanca, moletom), quanto nas cores (azul marinho, branco e cinza) nas peças que constituem o uniforme.

Os materiais com os quais são confeccionados os uniformes dos alunos revelam, inicialmente, que eles estão associados à necessidade de o aluno permanecer por horas com a mesma vestimenta, a qual deve apresentar comodidade no período em que o indivíduo permanece sentado, ou naquele em que ele necessita exercitar-se, realizando movimentos mais amplos, como, por exemplo, nas aulas de educação física. Sob esse aspecto, ocorre a priorização do conforto como critério de escolha para o material da vestimenta.

Tomando as cores como uma linguagem não visual, podemos identificar algumas significações em relação às cores escolhidas para comporem o uniforme. Vê-se o uso do azul, uma cor primária, fria, a qual remete à ideia de calma, segurança, compreensão, tranquilidade. Diz-se, também, que é a cor do bem-estar e do raciocínio lógico, além disso, o azul é uma cor que não “prende o olhar”, ou seja, não propicia distrações. Em uma sala de aula, espera-se que o aluno esteja atento àquilo que o professor propõe, então, essa cor revela-se extremamente adequada, uma vez que sugere ao aluno a desejada concentração. O branco, outra cor presente no uniforme, remete à paz, à sinceridade, à pureza, à calma, e é considerada a cor mais pura, pois ela não é maculada por nenhuma outra cor. Com o uso da cor branca, podemos perceber a ideia de calma sendo reiterada pela escola. Sabe-se que adolescentes têm como uma das suas características a agitação, a movimentação, o que, muitas vezes, em sala de aula não é bem vista. Outra cor presente no uniforme analisado é a cinza, considerada uma cor neutra, constituída a partir da mistura do preto e do branco; essa cor promove equilíbrio e estabilidade.^{XVIII} Observando a seleção de cores realizada pela escola, podemos sugerir que ela deseja que tais cores sejam signos, ou seja, elas revelam os sentidos que a escola preza e valoriza, quais sejam, comportamentos como tranquilidade, calma, atenção, equilíbrio, a fim de que as aulas atinjam seus objetivos, ou seja, o entendimento dos conteúdos e a fluidez das aulas.

A escola propõe aos alunos certa padronização do uniforme, no entanto percebemos que algumas vezes eles valem-se de orientações da moda para reconstruírem o traje escolar, ressignificando-o. Esta questão nos permite inferir que a reconstrução pode ser uma variável entendida como elemento de constituição de identidade, na medida em que os alunos realizarão as alterações obedecendo às indicações do grupo ao qual se sentem inseridos, ou mesmo do qual desejam participar. Ao padronizarem, em certa medida, a alteração do traje escolar, passam a expressar visualmente o espaço de pertencimento dentro da sala de aula, da escola ou, ainda num âmbito mais amplo, da sociedade na qual se inserem.

O uniforme que as meninas usam sofre maiores variações que o dos meninos. As garotas burlam as regras da escola utilizando peças que não são aquelas exigidas pela instituição, como blusões de moletom de grife, casacos e coletes mais pesados com gola de pêlo e, mesmo assim, não fogem do conceito de conforto. Entretanto, mesmo que usem roupas confortáveis, as alunas carregam para dentro da escola marcas e modelos que os jovens têm utilizado para frequentar outros lugares que não uma instituição de ensino. O uso dessas marcas remete à identificação que está presente nelas, ou seja, dentro ou fora da escola, as adolescentes reafirmam o fato de fazerem ou quererem fazer parte de um determinado grupo social, o qual considera importante certos valores intangíveis que são explicitados pela marca em uso, valores como jovialidade, descontração, saúde, preocupação com a estética corporal, riqueza. Então, as grifes são signos de valores cultuados pelos jovens, os quais não precisam ser explicitados, pois são compartilhados entre os pertencentes ao grupo.

As meninas também usam muito o recurso da sobreposição, no que se refere às camisetas. Em algumas imagens, é possível ver que elas colocam por baixo da camiseta da

escola outras peças com cores e estampas contrastantes, como rosa com estampa de bicho ou camiseta branca com a camiseta escura da escola. O uso da sobreposição na moda tem se mostrado recorrente há algumas estações, tanto no inverno quanto no verão. Essa prática lembra os estudantes e jovens norte-americanos, principalmente, os quais, costumeiramente, usam camiseta de manga longa sob camiseta de manga curta. Além disso, tal uso pode significar o apelo à informalidade e à individualidade que o uniforme não tem, por outro lado, essa atitude pode revelar-se como signo de criatividade, uma vez que o aluno imprimirá no seu vestir, através de suas próprias roupas, um aspecto individual.

Outro elemento recorrente nas imagens foi o uso de estampa de bicho, o que mostra que as alunas têm noções de moda, ou seja, conhecem as orientações da estação, pois incorporam nas roupas escolares aquilo que é visto nos editoriais de moda. Neste sentido, é possível o entendimento que a identificação ou mesmo a identidade construída pelas alunas refere-se a um âmbito além do restrito a escola. A compreensão, leitura e adesão de um modelo específico de vestuário que esteja de acordo com os padrões de moda indicados pelos meios de comunicação para a estação ou situação, indicam que a identidade, neste caso, é construída fora dos portões escolares e transposta para àquela realidade. Assim, ao alterar o uniforme, a aluna está indicando o espaço social que ocupa e o grupo no qual se insere.

O uso de cores contrastantes nas sobreposições das camisetas simboliza a costumeira rebeldia presente na adolescência. Oposição expressa justamente pela intensa diferença que há entre as cores do uniforme e aquelas das camisetas pessoais. No entanto se percebe, mais uma vez, que há harmonia nessas combinações.

Outro aspecto constante nos uniformes femininos é o uso de camisetas curtas, as quais deixam à vista parte do abdômen dessas meninas. A subversão do comprimento do uniforme não é novidade, já na década de 1960 as moças encurtavam as saias dos uniformes escolares como protesto pela rigidez desse traje, bem como para vestirem a roupa da moda: a minissaia. O uniforme que analisamos não oferece a oportunidade do uso de saia, então, as meninas, não só encurtam as camisetas, como as usam bem justas ao corpo, enfatizando as formas físicas. Numa época de grande exposição do corpo, não é surpresa verificar que, inclusive uma roupa de escola, a qual deveria seguir certas normas mais conservadoras, é utilizada para a exposição corporal.

A exibição do corpo é comentada por Ana Lúcia de Castro, que afirma que “cultuar o corpo pode ser entendida como forma de estar na moda, que vem ganhando cada vez mais adesão de pessoas e criando subgrupos que se diferenciam uns dos outros pela modalidade praticada, pela roupa [...]”.^{XIX} Nesse caso específico, verificamos que a diferenciação dá-se no sentido do geral, ou seja, dos demais alunos que obedecem às regras do uniforme, mas no específico – grupo de meninas que usa o uniforme mais curto - dá-se a similaridade, ou seja, a criação de um grupo com características parecidas.

Esse tipo de artifício permite compreender a aceitação que os alunos têm, conforme observado em pesquisas como a de Furio Lonza referida anteriormente, do uniforme escolar, pois, a aceitação da roupa padronizada pressupõe, de antemão, a possibilidade de alteração/perversão do modelo estipulado como sendo o certo. Assim, concordar e mesmo desejar a existência do uniforme, significa a possibilidade de destacar-se no grupo e ser notada como alguém de elevada criatividade, espírito de rebeldia, sintonia com a moda, quando altera o original.

Outros aspectos que chamam a atenção na vestimenta das alunas é o uso de bijuterias e de mantas para a composição final do traje escolar. A escola não proíbe o uso desses acessórios, no entanto, alguns deles podem ser, de certa forma, inconvenientes para algumas atividades, como o uso de brincos de argolas grandes e colares em atividades físicas. Esses acessórios são, provavelmente, aqueles também usados fora da escola, ou seja, as alunas não estabelecem diferenciação entre o ambiente escolar e o não escolar, em relação ao uso dessas

peças. Nesse sentido, revela-se a aproximação das características dos grupos de dentro e fora da escola, ou seja, as alunas não estabelecem um limite rígido entre o que pode ser usado fora ou dentro da instituição de ensino.

O uniforme usado pelos meninos segue de maneira mais próxima as orientações da escola. A maior parte das imagens mostra os garotos usando a combinação calça, camiseta e casaco da escola. O que chama a atenção no traje dos meninos é o uso de tamanhos maiores do que seria necessário, tanto no que diz respeito à camiseta, quanto ao casaco e à calça. Toda a roupa é extremamente folgada, lembrando o costume que se vê em determinados grupos, como praticantes de *skate* e *rappers*. Essa é outra prática no vestir que foi incorporada pelos jovens brasileiros, depois de presenciar jovens norte-americanos, usando-a em filmes ou em *vídeo-clips*, por exemplo. Talvez a intenção possa ser mostrar-se maior do que realmente são, por outro lado, a roupa serve como esconderijo de um corpo que, talvez, não deva ser evidenciado por não ter o tamanho desejado, por não combinar com os padrões atuais ou, simplesmente, por timidez, característica comum nessa fase de crescimento. A adolescência é um período de intensas modificações e é comum nos jovens a insegurança quanto às suas formas físicas, bem como os padrões estéticos propostos pela sociedade.

Alguns meninos optam pelo uso de casacos e blusões que não fazem parte do uniforme da escola, eles são parecidos, mas de outras marcas. Então, percebemos mais um exemplo de que os alunos levam para a escola algumas características do seu vestir externo à escola, mantendo-se, de certa forma, dentro daquele grupo ao qual pertencem e que não é o da instituição de ensino.

A diferenciação dos alunos pode ser percebida, também, pelo uso de bonés. Vários meninos fotografados usam esse acessório, os quais são de marcas esportivas. O boné, que tem como função referencial/denotativa a proteção do sol durante a prática esportiva, nesse caso específico, serve, conotativamente, como um elemento diferenciador e, ao mesmo tempo, agregador. Diferenciam-se os alunos pelas marcas que utilizam, e pelo mesmo motivo criam-se elos de aproximação. O mesmo é percebido nos calçados, os quais são outra maneira de o aluno diferenciar-se e agregar-se aos grupos sociais, vemos, então, que esses acessórios tornam-se símbolos de valores intangíveis cultuados/desejados pelos indivíduos.

Ao considerarmos o uniforme escolar um texto, percebemos que alguns significados comuns aos jovens estão presentes nessas roupas, tais como rebeldia, preocupação com o grupo, necessidade de individualização, criatividade, obediência às regras estéticas e de moda. Além disso, é constante o uso de roupas com logotipo de marcas usadas pelo público adolescente como acessório no uniforme escolar. Essa prática garante ao indivíduo o passaporte para a permanência no grupo social que valoriza tal grife, propiciando, assim, a companhia de outros adolescentes que compactuam com os mesmos valores, ou seja, há o compartilhamento de um imaginário entre esses jovens.

O imaginário do grupo e o uniforme

Para Michel Maffesoli, “o imaginário é determinado pela ideia de fazer parte de algo”, e este aspecto, principalmente no que diz respeito às combinações “acertadas” entre os alunos observados é evidente, podendo ser facilmente percebidas nas imagens analisadas.^{xx}

Na construção do imaginário, o indivíduo assimila situações que lhes são familiares, as quais fazem parte da cultura na qual ele está inserido. Ele se apropria dessas situações, mas com elas invade o mundo do imaginário, recriando-as, revisitando-as, elaborando algo que é muito maior que as próprias informações e que tende a ser comum a uma série de pessoas pertencentes a determinado grupo social. Essa semelhança não é coincidência, uma vez que os fatos, desejos, sonhos são comuns ao grupo. O que importa do imaginário é esta possibilidade dele “pertencer”, representar um grupo, denominando-se coletivo.

Maffesoli, nesse sentido, diz que,

[...] o imaginário não se reduz à cultura. Tem certa autonomia. Mas, claro, no imaginário entram partes de cultura. A cultura é o conjunto de elementos e de fenômenos passíveis de descrição. O imaginário tem, além disso, algo de imponderável. É o estado de espírito que caracteriza um povo. Não se trata de algo simplesmente racional, sociológico ou psicológico, pois carrega também algo de imponderável, um certo mistério da criação ou da transfiguração.^{XXI}

Pertencendo a um grupo, observa-se que o imaginário incidirá em vários aspectos da vida humana. Os indivíduos criarão situações enfatizando crenças, dogmas, confirmando as imagens do grupo e estabelecendo vínculos entre ele e o indivíduo.

Esta perspectiva traz à tona a questão inerente à constituição/construção de uma identidade calcada no grupo de pertencimento dos adolescentes em questão. Uma identidade se expressa, justamente, através de representações que definem a ideia e o sentimento de pertencer a um grupo. E, de acordo com Maffesoli, “o imaginário estabelece vínculo. É o cimento social. Logo, se o imaginário liga, une numa mesma atmosfera, não pode ser individual”^{XXII}.

Assim, vemos os jovens buscando a diferenciação da vestimenta através da transformação do uniforme – eles não querem ser iguais a todos - agem coletivamente no sentido da transformação de uma coletividade restrita, ou seja, seu próprio grupo. Essa consciência de si, através de representações, impõe limites às práticas sociais. Estes limites se dão em torno das fronteiras entre um grupo e outro.

Tomando os questionários respondidos pelos alunos, podemos identificar a ideia coletiva de segurança, de identificação no momento de ingressar na escola, de organização, de evitar a discriminação social ou financeira, bem como de praticidade. Assim, o discurso desses alunos confirma a análise realizada nas fotografias, implicando em conceitos pertencentes ao imaginário do grupo.

Nos questionários houve, também, a ocorrência de respostas confirmando a preocupação desses indivíduos com a moda, pois perceberam que é possível evidenciar no uniforme essas tendências, mesmo que a maioria diga que não modifica o traje escolar.

Por outro lado, no momento em que questionamos a respeito de prováveis mudanças para o uniforme, os alunos, em sua maioria, afirmaram que há a necessidade de mudanças relacionadas ao tipo de tecido – sugerem jeans-; a novas cores, estampas e casacos mais quentes para os dias de inverno.

Percebemos, ao confrontar os textos icônicos e as respostas às perguntas, que esses textos expressam aproximação. Os alunos reconhecem a importância do uso do uniforme, mas imprimem nesse traje características pessoais, relacionadas às tendências atuais de moda.

Enfim, analisando as representações do uniforme escolar elaboradas pelos alunos e observando as suas ressignificações, identificamos uma busca de construções identitárias realizadas pelos adolescentes. O indivíduo ora se sobrepõe, ora se une ao grupo (ou ao outro), conforme afirma Renato Ortiz.^{XXIII} Por outro lado, os contextos vivenciados, segundo Manuel Castells,^{XXIV} são constantemente reorganizados pelos alunos através de sua vestimenta. O uniforme, mesmo sendo um elemento de padronização em sua essência, está inserido numa estrutura social mais ampla, o que lhe faculta a possibilidade de se transformar num elemento diferenciador, como a pesquisa realizada nos revelou.

Essa dicotomia identificação/diferenciação se faz presente quando analisamos a maneira com que os jovens utilizam o uniforme escolar e os sentidos que lhes são atribuídos.

Concordamos, portanto, com Umberto Eco, quando este diz que a linguagem do vestuário “serve para identificar posições ideológicas segundo os significados transmitidos e as formas significantes que foram escolhidas para transmiti-los”.^{XXV}

Finalmente, podemos dizer que a leitura do signo uniforme pode ser feita no sentido agregador, quando se busca a uniformidade do grupo, ou individualizador, no momento em que os jovens customizam e/ou personalizam seus uniformes. Entretanto, a estratégia da uniformização dos alunos, que visava originalmente a regulação e o disciplinamento, nem sempre é percebida nas escolas atuais, pois, como nos lembra Roger Chartier,^{xxvi} as representações do objeto em questão não são ingênuas, são sempre influenciadas pelos interesses do grupo que as produzem, a partir dos seus desejos e necessidades.

^I Doutora em História, professora do curso de História e do mestrado em Processos e Manifestações Culturais e pesquisadora do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).

^{II} Doutora em História, professora do curso de História e do mestrado em Processos e Manifestações Culturais e pesquisadora do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).

^{III} Doutora em Comunicação, professora do curso de Comunicação Social e do mestrado em Processos e Manifestações Culturais e pesquisadora do grupo de pesquisa Cultura e Memória da Comunidade da Universidade Feevale (Novo Hamburgo/RS).

^{IV} LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.

^V ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

^{VI} Idem, p.7,8

^{VII} CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990, p. 17

^{VIII} BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985, p.311

^{IX} BAUER, Martin W. e GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p.68

^X SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983, p.13

^{XI} PEIRCE, Charles S.; COELHO, Teixeira. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.

^{XII} Idem, p.64

^{XIII} Idem, p.67

^{XIV} Idem, p.71

^{XV} LOIZOS, Peter. Vídeo, Filme e fotografias como documentos de pesquisa. BAUER, Martin W. & GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2007.

^{XVI} As fotografias foram produzidas especificamente para esta pesquisa e foram tiradas por uma das autoras em dia normal de aula.

^{XVII} Os alunos participantes dessa pesquisa são da Escola de Aplicação Feevale (Novo Hamburgo/RS)

^{XVIII} FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 5 ed.

São Paulo: Edgard Blücher, 2006.

^{XIX} CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007, p.86

^{XX} MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: *Revista da Famecos*, Porto Alegre: PUCRS, 2001, p.76

^{XXI} Idem, p.75

^{XXII} Idem, p.76

^{XXIII} ORTIZ, Renato, op. cit.

^{XXIV} CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999.

^{XXV} ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto et alii. *Psicologia do vestir*. 3.ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1989, p.17

^{XXVI} CHARTIER, Roger, op. cit.

Referências

BACKZO, B. A imaginação social. In: ROMANO, Ruggiero. *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 5. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

-
- CASTELLS, Manuel. *O Poder da identidade*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1999.
- CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2007.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. In: ECO, Humberto et alii. *Psicologia do vestir*. 3.ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1989.
- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde. *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 5 ed. São Paulo: Edgard Blücher, 2006.
- LOIZOS, Peter. Vídeo, Filme e fotografias como documentos de pesquisa. BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- LONZA, Furio. *História do uniforme escolar no Brasil*. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- MAFFESOLI, Michel. O imaginário é uma realidade. In: *Revista da Famecos*, Porto Alegre: PUCRS, 2001.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PEIRCE, Charles S.; COELHO, Teixeira. *Semiótica*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1983.